

JANELAS DE EDUARDO VERDE PINHO...

“De perto ninguém é normal”, título inspirado num verso de Caetano Veloso, é a proposta da exposição de pintura que Eduardo Verde Pinho nos propõe como desafio à indiferença e ao orgulho de pensarmos que vemos o claramente visto! Não! Tudo são aparências duma realidade que transpira milhares modos de focar as imagens que transcendem as fronteiras da nossa própria existência.

A exposição enquanto proposta expressa a brilhante intencionalidade de não pretender ser um produto acabado que escorre na plasticidade das pinturas que nela se espelham, mas um caminho aberto e longo para o observador se ampliar no exercício da contemplação e se deixar interrogar pelas mensagens que as telas sugerem como janelas de possibilidades e impossibilidades várias.

O mar visual de Eduardo Verde Pinho que nos surpreende pelos elementos em jogo e em sucessivo contraste (as lágrimas de amor e raiva que nos correm no rosto; os sorrisos que espelham a nossa ternura e maldade; a brutal oportunidade de sermos iguais e diferentes; etc), sugerem-nos espaços comuns de vivência quotidiana onde mergulham as almas dos entes errantes numa existência cáustica e estigmatizada pelas limitações do tempo e do espaço, talvez a busca em si da harmonia desejada que nos conduz à felicidade.

Tudo se conjuga na pintura de Eduardo Verde Pinho, partindo de imagens que povoam cartazes publicitários, jornais, revistas, catálogos (melhor, de estilhaços de *design* reciclado), onde a fotografia escolhida se transforma em *leitmotiv* de inspiração inicial, reconstrói e reinventa imagens plásticas, assumidamente polissémicas, que implicam numerosas significações e assumem o propósito claro de transmitir informações abundantes e inquiridoras. A proximidade ou a distância do observador relativamente à tela sugere planos de enquadramento e leitura visual completamente dissonantes, dando valor e conteúdo ao próprio título da exposição.

Esta Arte, rica de artifício construtivo, faz jus à maturidade artística de Eduardo Verde Pinho que se distingue com telas de expressiva criatividade e notáveis recursos plásticos de forma e de linguagem visual. Partindo de mensagens plásticas, icónicas e linguísticas, num contínuo linear e eficaz, atolando-nos numa pluralidade de sentimentos e emoções, rasga-nos: janelas afirmativas de universos de sentido implícitos ou explícitos; epidermes dum todo social filtrado pela cultura duma sociedade em transformação; incógnitos rostos e corpos em circunstância histórica; vozes desfocadas e músicas silenciadas em alerta de dito por não dito...

Se o pintor recorre a influências de artistas consagrados que identifica e desvela, podemos afirmar que as telas de Eduardo Verde Pinho são identitárias em mestria original de qualidade admirável. Talvez no espírito da frase de Mark Rothko: «A arte é uma aventura que nos conduz a um mundo desconhecido... A tarefa do artista é fazer com que os outros vejam o mundo como nós o vemos».

Delfim Sousa

Director da Casa-Museu Teixeira Lopes